

## Prefácio

Finalmente, mas em boa hora, no mercado livreiro da lusofonia, uma antologia no feminino, construída a partir de uma seleção de textos de nove escritoras do arquipélago dos Açores.

Se dúvidas havia sobre o papel relevante que a mulher açoriana desempenha, no mundo das letras, aqui está a prova do seu contrário. Pela mão de Brites Araújo, Joana Félix, Lídia Jorge, Luísa Ribeiro, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Maria Luísa Soares, Natália Correia e Renata Botelho, percorremos mundos, experienciamos sentimentos, ouvimos sons, revivemos pedaços da nossa existência, recriamo-nos em universos de possibilidades, urdidos com palavras, poesia, pensamentos e emoções.

À espera de textos circunscritos às ilhas, deparamo-nos, com agrado, com uma literatura diversa, eclética e rica em simbologia. Se é bem verdade que muitos textos assentam em marcas da nossa idiosincrasia arquipelágica, retratada em silêncios, mistério, milagres, barcos, solidão, ventania, medo, mar, pássaros, animais, flores, frutos, basalto e céu, não é menos verdade que estes referenciais são meios para expressar estados de espírito, desvendar segredos, falar do que vai na alma, destas mulheres-poetas que, apesar de serem das ilhas, protagonizam a universalidade.

Com um pé na ilha e um olhar no mundo, caminhamos de mãos dadas com as sonoridades e o significado de cada palavra, de cada verso ou frase, esquecendo, por diversas vezes, a descontinuidade a que nos obriga a chegada de uma nova escritora. Esta é uma antologia que se vai completando com a participação singular de cada uma delas. Sentimos, nas entrelinhas de cada texto, afinidades nas palavras e profundidades no sentir, como se em cada texto encontrássemos a parcela que irá compor o todo poético de um único ser.

Antevendo a riqueza vocabular e, simultaneamente, demonstrando o potencial semântico destes textos, aqui partilhamos um despretenso exercício de construção textual, por nós realizado, a partir de ideias soltas das diferentes autoras:

Espantava-me muitas vezes

Dias em que a humidade colava

Entre a conversa das mulheres

Em lugares remotos pequenas aldeias

Desejou muito estar perto

E de repente está lá

As horas passavam velozes

Ritual de iniciação

Pés na lama cabeça nas estrelas

Incerto vento as sustenta

Mas são tantas e translúcidas

Quero este tempo à tua rota

O meu caminho é o meu ninho

Regressar faz com que me lembre

Este mar não é o meu

É apenas a eternidade

Neste cais de pedra cinza

Na infinitude das paisagens

Vertidas por explosões vulcânicas

Esse medo medonho que eu ainda tenho

Longe do meu desejo

Longe do meu amor

Amei-te no fogo do escuro

Estendidos preguiçosos no regato

No silêncio mentiroso de uma ilha

Que transtorno que confusão

Nestas paragens do Atlântico

Ser ilha não é coisa que se escolha

Tão simples quanto isso?

E dos confins da terra

Deixo escapar uma pronta exclamação:

Não vás tão longe meu amor!

Vem meu amor, traz contigo os lilases

Vem guardar-nos do inverno

Que a submersa geografia

Explode na incrível visão

Numa violenta imposição

Mãe ilha mãe cúmulo mãe água.

Entre textos mais sentidos, outros com carácter filosófico, registos com laivos históricos, testemunhos de vidas reais e imaginárias e mensagens do foro pedagógico, percebemos tratar-se, em qualquer um dos casos, de uma escrita madura, de mulheres inteligentes, com o seu nome merecidamente inscrito no panorama literário açoriano, português, lusófono e universal. Mostra-nos esta coletânea que ser mulher, ou ter origem em ilhas pequenas, não é sinónimo de limitação. Pelo contrário, percebemos, com clareza, que enquanto a pequenez do território poderá por a nu a fragilidade da condição humana, a imensidão do mar e a vastidão do céu emprestam ao sonho a grandeza e à vida a paixão.

Ao juntar simbolicamente nove escritoras de diferentes ilhas dos Açores, nesta antologia, as organizadoras da mesma não só prestam uma homenagem justa a cada uma delas, como também celebram a força anímica das mulheres destas ilhas que, ao longo de séculos, têm sido o baluarte da açorianidade no arquipélago e na diáspora.

Alvo das mais altas honrarias, estas mulheres-escritoras-açorianas merecem ver os seus textos reunidos em coletânea, para que mais facilmente a classe docente e a população estudantil de língua portuguesa, em qualquer parte do mundo, possam ter acesso aos seus escritos e, através deles, conhecerem melhor a Literatura dos Açores no feminino.

Como mulher, como açoriana, como cidadã do mundo, orgulho-me por ter sido chamada a integrar este projeto, pela via da redação deste prefácio, oportunidade que agradeço às organizadoras da Antologia, minhas almas-gémeas na busca incessante da essência do ser humano e da beleza intrínseca da Palavra.

Graça Castanho, Açores, fevereiro de 2014